

5. Notas de um quase fim

Kauan Almeida

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALMEIDA, K. Notas de um quase fim. In: *Ficções do ser: o entre-lugar de bichas pretas na escola* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2020, pp. 135-141. Transfluência series. ISBN: 978-65-86213-15-7.

<https://doi.org/10.7476/9786586213300.0006>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

5

Notas de um quase fim

Parece-me tentador que neste momento eu tente explicar não apenas o percurso, mas os motivos de cada seção, assim como as nuances e pequenos percalços do ato de investigar. Uma tentativa de justificar a importância de discutir sobre corpos racializados e dissidentes sexuais no currículo. Parece-me também tentador que eu concorra a maneiras de prescrever atitudes que marquem positivamente a educação, que professe formas emancipatórias das ações escolares e assim promover um efeito de catarse narcísica.

De fato, corri linhas de um pensamento da multiplicidade através da *filosofia da diferença*, talvez este tenha sido o encontro mais violento instaurado até este momento na minha vida acadêmica. Molhei meus pés neste líquido viscoso para ir além de mim, ainda que curtos tenham sido os passos que dei. Contudo, a escrita é um campo aberto, e acredito não caber a mim a possibilidade de fechá-lo, de entregar aquilo que chamamos “desfecho”.

Embora a escrita deste texto corra através de construtos tais como gêneros, raças e sexualidades, com uma marcação significativa aos corpos bichas e pretas na paisagem curricular, o movimento da diferença ensaia uma quebra à identidade que se arrasta desde a Modernidade como grilhões. Assim, os currículos e, mais precisamente, o currículo da escola aqui discutida, atuam na constante produção de formas inteligíveis de reconhecimento e nomeação. Essa produção curricular é marcada por jogos de poder, hibridismos e assimetrias.

Ao mesmo tempo em que os jogos de poder são jogados e corpos são produzidos, novas personagens viram a mesa, mudam as regras, recusam-se a jogar o jogo da inteligibilidade e, por isso, bagunçam tudo, mudam objetos de lugares. Mas, decerto, há “tanto uma vontade de forma, de adestramento, como também uma vontade de afirmação, de construção, de criação e expansão da vida” nestes jogos (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2013, p. 643).

Temos acompanhado, no Brasil, um movimento deveras malicioso que insiste em implantar uma moral escolar baseada em preceitos conservadores e neoliberais, onde, cada vez mais, somos bombardeados por informações que nos furtam a experiência de sentir a escola, mais que interpretá-la. Estes movimentos que ascendem vertiginosamente atingem todas as camadas do pensamento educacional e conferem movimentos perigosos às políticas curriculares.

E são esses movimentos perigosos que flertam com lógicas absolutistas e arbitrárias que nos lançam em um terror *segmentarizado*³⁷ cujos efeitos nos fazem padecer em “fascínio pela megamáquina capitalística e planetária” (CO-

37. Ver Corazza (2016).

RAZZA, 2016, p. 136). Ademais, este mesmo fascínio de uma humanidade vivível interroga através das suas normas as esferas do reconhecimento daquelas/es que não as vivem.

O trabalho desenvolvido neste texto não ocorre no sentido que caminha de um não saber para um saber e/ou que nos apura para um melhor entendimento do cotidiano escolar, o que busco é o tecer na superfície, pois apenas nela encontramos os movimentos necessários para mobilizar aquilo que nos parecia estagnado, nela também vivificamos as paisagens e estranhamos o currículo.

Na superfície escolar podemos ter encontros potentes para a produção de violências do pensar, violências que nos deslocam do sentido primeiro cogitado ainda na comodidade da crítica pela crítica. Nesse sentido, compor este estudo e análise passa, sobretudo, pelo embate contra os velhos manuais de prescrições das condutas, sendo necessário, assim, formular e remodificar e deixar-se penetrar pelas forças que se intensificam no encontro dos corpos.

Para quem se aventura a adentrar em uma escola, em uma sala de aula, como foi o meu caso, a vivência extravasa as formas e os conteúdos, tornando-se outra qualquer coisa, sempre parcial, sempre prestes a tornar-se, como que à beira de um abismo. A escolha da arte como método de inscrição na escola a partir das oficinas passa pela experiência possibilitada pelo campo, mas também pela experimentação dos prazeres que nos permitem um compartilhamento das sensações dos mundos escolares.

Com isso, não pretendo reduzir a experiência a subjetivismos, os acontecimentos não são diversos simplesmente porque somos diferentes, caso considerasse isso verdade, reproduziria a lógica moderna em que cada sujeito é centrado, estável e formado. Assim, as experiências diferem na relação em que cada corpo se dobra sobre si mesmo e tem acesso às sensações daquilo que pode ver e daquilo que pode pensar naquele momento, inventando suas maneiras de habitar a escola.

Ao encarar esta criação textual como obra aberta, recuso-me a conferir sentidos definitivos a qualquer elemento aqui tratado, uma vez que tudo aquilo que ousei escrever é acompanhado na justa medida por aquilo que silencieei, habitar as zonas de encontro na escola se faz acompanhada daquilo que não é possível descrever, que é pura sensação ininteligível.

Ao escrever fui múltiplas forças e personagens, pois em mim transpassam cheiros, sabores, gestos, olhares e algo que vaza a tudo isso, um terceiro elemento da escrita com vibrações incapazes de serem captadas. A dúvida permanece como um esqueleto que se forma junto ao meu, um esqueleto de dúvida e medo, como na personagem Bica, de Conceição Evaristo (2015, p. 100), para a qual o medo não a faz recuar, “pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário. Medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico”.

Qual dicionário negro entende a palavra amor do mesmo modo que compreendeu a palavra medo? E quando a negritude está envolvida pela feitiçaria da bicharia, qual o gesto ríspido se inscreve nas mãos daqueles que a pacto de sangue juraram que “a gente combinamos de não morrer”? (EVARISTO, 2015, p. 99). E se a gente combinamos de não morrer, por que, também, não combinamos de não nos matar? De inverter a ordem discursiva das instituições neocoloniais eurocêntricas possuídas de uma branca patriarcal feitas para nos suicidar lentamente em lugares de subalteridade?

O Ocidente, pensado sob a valoração da branca e da heterossexualidade, invalida da sua gramática o corpo-negro, o corpo-bicha, e não a somatória dos dois anteriores, mas o espaço híbrido que resulta no ainda impensado corpo-negro-bicha. A intenção aqui foi tomar este corpo, que é o espaço pelo qual me movimento, como o ponto da diferença, daquilo que deixo de ser (SILVA, 2007). O espaço entre a bicharia e a negritude que, ao se tornar referente, fende a universalidade e borra uma identidade autorreferente.

Negritude e bicharia aqui são feitiços tecnológicos que se acoplam ao corpo para a produção de um sujeito que tem como exercício a própria reinvenção através da expressão de suas marcas. Um conjunto movediço de discursos que tentam apreender corpos tal como se represa águas. Contudo, dadas as infinitas possibilidades de existências, os sujeitos contestam, negociam, resistem e reconduzem direcionamentos normalizantes e transbordam as margens.

Com isso, não foi minha intenção negar os aparatos coercitivos e as violências física e simbólica que operam no cotidiano escolar, mas assumir outra perspectiva, esta não mais centrada no sujeito hegemônico ou nas estratégias pelas quais viabilizam a homofobia e o racismo, mas nas fricções que possibilitam fugas, entrecruzamentos e hibridéz. Afinal, “ser bicha não é só dar o cu / É também poder resistir”.

38. Excerto da música “Bixa Preta”, composta e interpretada pela Mc Linn da Quebrada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>

Esse deslocamento também não pressupõe papéis dados de vítima ou algoz, apenas sugere o distanciamento de uma visão essencialista que busca uma verdade absoluta sobre os sujeitos. Também, realoca a possibilidade de um corpo político constituído na/pela diferença, isto é, um corpo agonizante em constante devir que se identifica, mas também se nega, que substitui o ou para o e, rebolando pelas fronteiras e metralhando normas, como canta a MC Linn da Quebrada³⁸:

Bixa preta!
Trá-Trá-Trá-Trá Bixa preta!
Trá-Trá-Trá-Trá-Trá
A minha pele preta é meu manto de coragem
Impulsiona o movimento
Envaidece a viadagem Vai desce, desce,
desce Desce a viadagem!

Assim, a bicha preta, a partir do seu local enunciativo, provoca no adjetivo “preta” a onomatopeia de uma metralhadora. Não mais é um pejorativo ou algo que se constitui como um mecanismo de constrangimento é, ao contrário,

uma sonoridade que se funde à carne e produz incômodos às normas de gêneros e ao dispositivo racial implantados no currículo, pois não apenas se faz capturar tanto pela negritude e homossexualidade, mas assimila e distorce significante e significado.